



Os saberes tradicionais e a atividade extrativista vegetal na RESEX Rio Xingu, Terra do Meio, Pará

The traditional knowledge and the vegetal extractive activity in the Xingu River RESEX, Terra do Meio, Para

CASTRO, Roberta Rowsy Amorim de; MAIA, Ricardo Eduardo de Freitas; OLIVEIRA, Myriam Cyntia Cesar de.

Universidade Federal do Pará, robertarowsy@ufpa.br; ricardomaia@ufpa.br; myriam@ufpa.br

Tema Gerador: Conservação e Manejo da Sociobiodiversidade e Direitos dos Agricultores e Povos e Comunidades Tradicionais

Resumo

Este texto tem como objetivo descrever os saberes tradicionais que estão ligados às atividades extrativistas vegetais praticadas pelos ribeirinhos da RESEX Rio Xingu, estado do Pará. Foram realizadas entrevistas junto a 23 famílias, assim como observação direta e participante e caminhadas nas áreas de uso das mesmas. Os ribeirinhos detêm conhecimentos repassados e aprimorados por gerações que contribuem na organização do trabalho familiar para desenvolver atividades tanto nas áreas de uso nos seringais e castanhais, como em outras atividades produtivas. No que se refere à comercialização foi possível observar que ainda persistem relações de troca que apresentam traços do clientelismo e aviamento. Nos últimos anos as parcerias com empresas e ONGs têm modificado essas relações históricas no comércio dos produtos oriundos do extrativismo. Resta saber como essas novas relações refletirão na autonomia dos grupos, bem como poderão contribuir para a melhoria na qualidade de vida local.

Palavras-chave: Extrativismo; Ribeirinhos; Populações Tradicionais; Unidades de Conservação; Amazônia.

Abstract

This paper aims to describe the traditional knowledge is related to the vegetal extractive activities practiced by the riverine people of the Rio Xingu RESEX, state of Para. Interviews were conducted within 23 families, as well as direct and participant observation and walking in the areas of use. The riverine people have knowledge passed on and improved by generations which contributes to the family's work organization to develop activities both in the areas of use in the rubber and chestnut plantations, as in other productive activities. In relation to commercialization, it was possible to observe that there are still relations of exchange that show traces of clientelism and aviamento. In recent years, partnerships with companies and NGOs have modified these historical relationships in the trade of extractive products. It remains to understand how these new relationships will reflect on the autonomy of the groups, as well as contribute to the improvement of local life quality.

Keywords: Extractivism; Riverine People; Traditional Populations; Conservation Units; Amazon.



Introdução

Segundo Mendonça *et al.* (2007), a construção dos saberes tradicionais possui inúmeras peculiaridades, isto é, estes são construídos a partir da vivência dos indivíduos nas suas relações sociais e pessoais, onde o conhecimento surge a partir das descobertas em grupo, o que justifica a riqueza e diversidade de saberes.

Os “conhecimentos e saberes acumulados ao longo de gerações” típicos de populações ditas tradicionais (Castro *et al.* 2007, p. 58) se inserem nessa lógica, pois estas geralmente possuem uma relação próxima com os recursos naturais que se traduz na escolha das atividades, bem como das áreas de uso das mesmas, as quais são praticamente todas associadas com a natureza.

Diante disso, este texto se propõe a descrever os saberes tradicionais que estão ligados às atividades extrativistas vegetais praticadas pelos ribeirinhos da RESEX Rio Xingu, no estado do Pará.

Metodologia

A pesquisa é parte da dissertação de Castro (2013) e foi desenvolvida em quatro comunidades ribeirinhas sendo elas: Baliza, Pedra Preta, Morro Grande e Morro do Félix, localizadas na RESEX Rio Xingu, estado do Pará, na região denominada Terra do Meio, planejada como mosaico de unidades de conservação de proteção integral e de uso sustentável, e vista como uma barreira de contenção ao desmatamento e grilagem.

O **método** de coleta se baseou no princípio da saturação teórica (BARTALOTTI *et al.*, 2008) e as técnicas foram entrevistas semiestruturadas realizadas com 23 famílias residentes dessas comunidades, somadas a observações diretas (CHIZZOTTI, 2003) e participante (HAGUETE, 2005) e caminhadas nas áreas de uso das famílias.

Resultados e discussão

Na RESEX Rio Xingu a população local tem sua sobrevivência garantida pela combinação de diversas atividades como a agricultura de subsistência, a pesca, a caça, além do extrativismo vegetal. As atividades extrativistas vegetais realizadas pelas famílias locais são a coleta de látex das seringueiras (*Hevea brasiliensis* (Willd. ex A. Juss.) Müll) e a catação/apanha de ouriços de castanha-do-Brasil (*Bertholletia excelsa* H.B.K.). Ambas as atividades e locais (estradas de seringa e castanhais) são heranças de pais e/ou avós dos atuais moradores, que abriram as áreas e tornaram-se donos por direito.



Desde 2012 a extração de látex pelos ribeirinhos é incentivada pela parceria, mediada por uma ONG, com a indústria Mercur S.A., cuja sede está localizada na região sudeste. Essa parceria possibilitou, através de contrato, o aumento do valor pago aos ribeirinhos pelo quilo de borracha extraída, isto é, antes vendiam o quilo do produto por um preço que variava entre R\$3,00 e R\$3,50, e passaram a comercializar a mesma quantidade por R\$4,50, em 2012, e R\$7,50, em 2017. Além disso, os ribeirinhos passaram a estocar o látex em fôrmas, para formação de mantas, cuja peça foi comercializada com a empresa por valores que variaram entre R\$6,00 e R\$6,50, em 2012, já em 2017 este produto é comercializado por R\$10,00.

Mesmo com este apoio, apenas 22% das famílias entrevistadas realizam esta atividade ou tem ela como um dos principais meios de obtenção de renda e subsistência. As outras famílias (78%) informaram que não realizam a atividade porque acreditam que somente através da extração de látex não é possível garantir seus meios de subsistência. Além disso, é uma atividade que exige muito tempo de quem a pratica, visto que o seringueiro sai de sua casa ao amanhecer, muitas vezes ainda no escuro e só retorna no final da tarde, o que não permite conciliá-la com outras atividades das quais podem obter retorno financeiro. Além dessa explicação, as famílias relatam que, antigamente, quando existiam seringalistas na área, as estradas de seringa eram entregues prontas e apenas alguns poucos moradores mais velhos sabem como abrir as estradas, pois têm conhecimento para isso. Os mais novos não sabem como fazer e, para pedir ajuda para aqueles que sabem é difícil, pois estes últimos passam dias inteiros em suas estradas e, conseqüentemente, não têm tempo para abrir ou ensinar outros como fazer novas estradas.

O trabalho de extração do látex é bastante árduo, pois existem estradas de seringa de até 10 quilômetros e, além disso, os ribeirinhos/seringueiros saem de suas residências ainda de madrugada, entre 4h e 5h, e retornam somente no fim das tardes, entre 16h e 17h. Este horário tradicional é realizado desde o tempo dos ancestrais, pois ao saírem ainda no escuro da madrugada, os ribeirinhos faziam um risco em cada seringueira e acoplavam um recipiente, semelhante a um copo, na mesma. Ao retornarem no fim de tarde, iam colhendo os recipientes com o líquido e enchendo sacos com este. Esses mesmos procedimentos são realizados atualmente, porém, algumas adaptações foram feitas, como por exemplo: a substituição do recipiente que era de alumínio e danificava as árvores, por um recipiente de plástico; e a borracha, ao invés de ser defumada, é coalhada em peças de tamanhos diversos ou em mantas (fôrmas) de tamanhos definidos para atender as especificações da indústria para a qual vendem.



Além do horário específico para este trabalho, existe um calendário, que é seguido pelas comunidades da RESEX em função do conhecimento que estas detêm sobre os ciclos biológicos das seringueiras e de muitas outras espécies vegetais e animais. O uso de um calendário que se ajusta aos ciclos biológicos dos ecossistemas também foi citado por Diegues e Nogara (1994), ao estudarem o modo de vida caiçara no Saco de Mamanguá. Diante disso, na RESEX Rio Xingu, o trabalho de extração da seringa é iniciado sempre no mês de maio de todos os anos, pois este é o período em que as seringueiras começam a produzir o látex. Além disso, as chuvas começam a diminuir na região e o trabalho de coleta de castanha-do-Brasil já terminou.

Sobre o ciclo fenológico das seringueiras, os ribeirinhos afirmam ainda que o trabalho de coleta do látex é interrompido entre meados do mês de agosto até meados de setembro, pois neste período, as mesmas estão florescendo e, caso sejam feitos riscos no caule das plantas para a coleta, além de não jorrar o látex, estas acabariam morrendo, por não estarem com forças extras para se recuperar do dano causado pelo risco, visto que a sua energia está sendo totalmente direcionada para a floração. As famílias relatam essa fase dizendo que “as seringueiras escodem o leite” e caso sejam cortadas nesse período “o leite vai todo para a copa e elas choram e morrem”. Desse modo, as famílias locais retornam ao trabalho de coleta somente a partir de setembro e finalizam no mês de dezembro. Assim sendo, constata-se que os ribeirinhos da RESEX Rio Xingu possuem um profundo conhecimento sobre os recursos naturais dos quais tiram seu sustento e reprodução social, sendo que o mítico e o simbólico também fazem parte dessa relação, conforme reflete Descola (2000).

Assim como as estradas de seringa, os castanhais também possuem delimitações específicas garantidas por acordos de respeito mútuo aos limites do outro, isto é, a divisão do território e dos recursos, que são de uso comum, é feita de forma simbólica, por meio do respeito à área do outro, prevalecendo até os dias atuais a “lei do respeito”, conforme citado por Cordel (1982) *apud* Diegues e Nogara (1994) para estabelecer limitações de território e, conseqüentemente, direitos de uso. Essa relação de “respeito” decorre das relações sociais estabelecidas há muito tempo pelos moradores, prova disso são os relatos de todas as famílias, que descrevem que “desde a época de seus pais era assim”, “as estradas de seringa e os castanhais já estavam definidos” ou “já tinham dono”. Além disso, existem fortes relações de parentesco, compadrios e vizinhança que auxiliam na perpetuação dessas relações ao longo do tempo.

Desse modo, na RESEX as áreas de seringais e castanhais são provenientes de heranças ou de período de chegada e demarcação, isto é, o morador que se estabeleceu primeiro em determinada área e fez a limpeza e piques das estradas, adquiriu direito



de uso sobre esta. Mediante isso, existem muitos castanhais, dentro e fora dos limites da RESEX, que pertencem às famílias que residem na mesma, por direito de uso e exploração ao longo dos anos.

A coleta ou apanha dos ouriços de castanha é feita em período diferente da exploração da seringa, o que permite que as famílias possam obter renda das duas atividades. Como os castanhais das famílias estão demarcados socialmente por meio de acordos, quando chega o período de coleta, entre os meses de janeiro a abril, as famílias se deslocam para suas estradas a procura dos ouriços caídos no chão. Não diferente da extração de látex, a coleta de castanha exige mão de obra de toda a família. Em alguns casos, os piques de castanha se localizam distantes das residências dos moradores aos quais pertencem inclusive em limites fora da RESEX.

As distâncias entre castanhais e residências faz com que algumas famílias se desloquem por tempo determinado até as áreas de coleta, levando alimentos para se manterem durante este período. Para garantirem sua proteção durante a noite, constroem pequenos barracões cobertos com lonas e estruturados com madeira, onde ficam até o término do período de coleta de castanhas. Durante o dia, adultos e crianças realizam a coleta da castanha e, concomitantemente, a pesca para o alimento diário.

Após colhidas, as castanhas são armazenadas e vendidas em latas ou sacos de *nylon* diretamente para os regatões (atravessadores) que trabalham fazendo viagens para a RESEX, que repassam para outros compradores quando retornam a cidade de origem (Altamira ou São Félix do Xingu), ou em alguns casos, são levadas à cidade pelos próprios ribeirinhos, em embarcações próprias, visando a negociação diretamente com o comprador e, por conseguinte, um maior retorno financeiro.

De forma esporádica, as famílias também exploram outros produtos da floresta, especialmente espécies das quais podem retirar óleo, como andiroba (*Caraba guianensis* Aubl.), copaíba (*Copaifera langsdorfii* (Desf.) Kuntze) e babaçu (*Orrbignya speciosa* (Mart.) Barb. Rodr.). Além disso, algumas espécies madeireiras, como melanciaira (*Alexa grandiflora*) e amarelão (*Euxylophora paraensis* Huber), entre outras, são usadas para construção de canoas, casas ou para servir como lenha. O açaí (*Euterpe oleracea* Mart.) também é muito apreciado pelas famílias, sendo sua polpa retirada para servir como alimento.



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DE E ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 7

Conservação e Manejo da Sociobiodiversidade e Direitos dos Agricultores e Povos e Comunidades Tradicionais



Conclusão

Todas as atividades realizadas pelas famílias estão fortemente associadas à natureza e ao conhecimento que estas detêm sobre a mesma. Os ribeirinhos possuem saberes e conhecimentos repassados e aprimorados por gerações que contribuem na organização do trabalho familiar para desenvolver atividades tanto nas áreas de uso nos seringais e castanhais, como em outras atividades que fazem parte de seu modo de vida.

No que se refere à comercialização foi possível observar que ainda persistem algumas relações de troca que apresentam traços do clientelismo e aviamento. Nos últimos anos as parcerias com empresas e ONGs têm modificado essas relações históricas no comércio dos produtos oriundos do extrativismo. Resta saber como essas novas relações refletirão na autonomia dos grupos, bem como poderão contribuir para a melhoria de vida das famílias.

Referências Bibliográficas

BARTALOTTI, C. C. et al. Concepções de profissionais de educação e saúde sobre Educação Inclusiva: reflexões para uma prática transformadora. **O mundo da saúde**, São Paulo, v.2, n.32, p. 124-130, abr./jun. 2008.

CASTRO, A. P. et al. A agricultura familiar: principal Fonte de desenvolvimento socioeconômico e cultural das comunidades da área focal do Projeto Piatam. In: FRAXE, T. J. P.; PEREIRA, H. S.; WITKOSKI, A. C. (Orgs.). **Comunidades ribeirinhas amazônicas: modos de vida e uso dos recursos naturais**. Manaus: EDUA, 2007, p. 55-88.

CASTRO, R. R. A. **Comunidades tradicionais e Unidades de Conservação no Pará: a influência da criação da Reserva Extrativista Rio Xingu – Terra do Meio, nos modos de vida das famílias locais**. 2013. 167 f. Dissertação (Mestrado em Agricul-turas Familiares e Desenvolvimento Sustentável). Universidade Federal do Pará, Belém, 2013.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2003. 164 p. (Biblioteca da educação. Série 1. Escola; v. 16).

DESCOLA, P. Ecologia e cosmologia. In: DIEGUES, A. C. (Org.). **Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos**. 2. ed. São Paulo: HUCITEC; NUPAUB, 2000. p. 148-163.

DIEGUES, A. C.; NOGARA, P. J. **O nosso lugar virou parque: estudo sócio-ambient-al do Saco do Mamaguá-Parati-Rio de Janeiro**. São Paulo: NUPAUB/USP, 1994. 187p.



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF E ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 7



Conservação e Manejo da Sociobiodiversidade e Direitos dos Agricultores e Povos e Comunidades Tradicionais

HAGUETE, T. M. F. **Metodologias qualitativas na Sociologia**. 10^a. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

MENDONÇA, M. S. et al. Etnobotânica e saber tradicional. In: FRAXE, T. J. P.; PEREIRA, H. S.; WITKOSKI, A. C. (Orgs.). **Comunidades ribeirinhas amazônicas**: modos de vida e uso dos recursos naturais. Manaus: EDUA, 2007. p. 91-105.